

A PESSOA NO TEMPO

José Saramago descreve na crónica “A cidade” o caminho de um homem para encontrar o seu mais íntimo ser, que em linguagem filosófica chamamos a sua ipseidade ou o seu “si mesmo”.

Ele assinala esta caminhada como luta difícil com muitos desvios que, no entanto, não o deixaram esquecer a sua ansiedade de retomar, ao longo da sua vida, a procura da meta vislumbrada. Também realça que várias influências vinham de fora - do mundo - e o auxiliaram a não desistir, e retomar a via, encontrando-a, contudo, continuamente cheia de obstáculos.

De longe surgiram frequentemente signos da real existência deste si próprio - deslumbravam no horizonte e davam sinais prometedores, o que lhe deu coragem a prosseguir a sua caminhada. Como já foi dito, o caminho mostrou-se cheio de barreiras que tinha de enfrentar e que ultrapassou finalmente, não totalmente só, visto que durante a sua procura encontrava no meio que o rodeava, influências que o afastaram, mas também aproximaram das sua meta. As forças exteriores obrigavam-no a lutar e a não desistir do caminho que, todavia, se prolongava.

Desse modo, a pessoa acima descrita surge numa dialéctica permanente entre o seu “mundo interior” e o “exterior”. Graças à luta desencadeada que descobre como a sua História, o “sonho” desejado surge com maior intensidade e não é esquecido. No fim da crónica, o autor dá-se a conhecer como o protagonista desta caminhada penosa e que como prémio alcançou a possibilidade de viver a sua própria identidade e chegar ao seu si mesmo, quer dizer, foi capaz de encontrar-se como “dono” de si próprio, tendo acabado toda a alienação que o tinha tornado forasteiro de si mesmo.

Este texto pertence a um conjunto de crónicas, quer dizer, acontecimentos descritos que se situam no tempo. O conceito “Crónica” tem a sua origem etimológica na palavra grega “chronos” que significa o correr do tempo num espaço, sem limite - sinal da infinitude que para a antiguidade grega era uma realidade à qual o ser humano era exposto sem tréguas e, conseqüentemente, era vivida como opressão total.

No entanto, já os Pré-Socráticos tinham descoberto paralelamente o “aion”, um tempo puro, absolutamente desligado do tempo real, mas apalpável na vivência do “chronos”. Foi Platão que desenvolveu no conceito de “aion” outra dimensão de eternidade, baseando-se na força vital, que o desdobramento temporal em passado, presente e futuro pela pessoa, pode despoletar. Desse modo, o tempo, ligado à eternidade, não traz opressão, mas sim insere a possibilidade da descoberta, em servir como fundamento para o Homem, encontrando no tempo o “Tempo”.

O tempo do mundo no qual a pessoa está presa, está ligado a um tempo que proporciona o encontro consigo mesmo, criando, desse modo neste encontro algo que aponta para uma sensação de eternidade, surgindo assim o Tempo que envolve

toda a vida. Estamos diante de um conceito de “eternidade” que não é meramente temporal, mas sim que é experimentado como um acontecimento no tempo que engloba toda a vivência humana.

Para a nossa reflexão, esta análise etimológica tem certa importância porque José Saramago colocou numa crónica como forma literária - fundamento e sinal do correr do tempo - uma experiência humana que percorreu um certo espaço e um tempo determinado para chegar a um fim que lhe assegurou o encontro consigo mesmo, proporcionando-lhe satisfação e sentido para a sua vida. Estamos, portanto, num tempo pessoal com princípio e fim que está integrado num tempo que passa continuamente. O autor realça também que precisou de um tempo determinado para chegar ao alcance do encontro consigo mesmo.

Interessante para nós é de assinalar que o autor tomou consciência de um tempo pessoal do qual só lentamente se torna consciente. Depois de ter entrado na “cidade” olha para trás e recorda todas as etapas percorridas.

Tendo estado exposto às vicissitudes da vida, apoiou-se na ajuda do meio onde vivia, lutando contra a “maré” do viver habitual, ultrapassou experiências dolorosas nesse mesmo tempo que lhe é oferecido para procurar e alcançar a meta vislumbrada.

O tempo, que está à sua disposição, ele usa para uma caminhada da qual tem consciência ter princípio e fim; este mesmo tempo dá-lhe a possibilidade de se auto-questionar acerca dos desvios possíveis que o podem afastar de si mesmo, deixando-o viver como estrangeiro na “própria casa”, alienando-o do que lhe é mais próprio, tornando-o um desterrado.

Hannah Arendt lembra-nos na sua obra fundamental “Vita activa” os perigos que a pessoa corre quando perde a noção do seu “si mesmo” ou a sua ipseidade que significa o mais íntimo do seu ser, deixando-se arrastar pela onda do viver habitual, ao qual Heidegger chamou o anonimato do “man” (todo mundo). A pessoa vive como se vive, distrai-se como a gente se distrai - cai portanto na profunda massificação, prescindindo da capacidade interior de se tornar realmente pessoa inconfundível e “propriedade” de si mesmo.

A filósofa aponta para Copernicus e Galileo Galilei, que através das novas descobertas científicas introduziram o fenómeno da alienação na vivência humana do Ocidente, que deu origem ao afastamento do homem em relação ao mundo como a sua “casa” e depois à separação de si mesmo. Tendo verificado a situação real do planeta “terra” no Universo, a humanidade fica distorcida das suas convicções anteriores e lançada num vazio sem sentido e sem orientação para a sua vida. O céu, antes espaço do Transcendente, oferecendo aconchego e segurança, surge como “ameaça e assombramento”.

Por outro lado, apelando para a existência do ser humano como “Dasein”, Heidegger procura decifrar na extensão temporal deste “Dasein” um possível ponto de partida para o que é próprio e não próprio do homem, proporcionando-lhe a viver a sua “autenticidade” (Eigentlichkeit) ultrapassando a possível “inautenticidade” (Uneigentlichkeit).

Contudo, deixando-se arrastar para a vivência do anonimato, o ser humano como “Dasein” perde toda a possibilidade de experimentar o que lhe é mais próprio e torna-se uma mera armação (Gestell), empobrecida e alienada de qual-

quer caminhada para o seu “si mesmo”, desnudado do seu si mesmo, isto é, da sua “autenticidade”.

Observamos aqui uma semelhança profunda entre o pensamento filosófico e literário que, a meu ver, deve ser valorizado. Contudo, Saramago descreve a caminhada como pouco confortável, cheia de batalhas, com altos e baixos, acontecimentos que obrigam a pessoa a parar, frequentemente a tropeçar e cair, forçando a nova orientação e a uma introspecção, muitas vezes, involuntária.

Aí o tempo surge como “remédio” para experimentar a possibilidade de um recomeço da caminhada. Caminhada – com ponto de partida e ponto de chegada? Volto ao início da questão – o tempo pessoal no tempo sem limite ou numa temporalidade que se apoia no tempo próprio?

Urge, a meu ver, reflectir sobre esta realidade, do que é o tempo pessoal a decorrer no tempo objectivo que se “dirige” numa direcção só que chamamos o futuro.

E. Husserl analisa na sua obra “Zur Phanomenologie des inneren Zeitbewusstseins” a relação entre tempo objectivo e a consciência temporal subjectiva da pessoa que integra a capacidade humana em sintetizar no “momento” (Augenblick) passado, presente e futuro, proporcionando à pessoa a necessária “distância” para chegar a viver conscientemente como ser responsável e livre.

O filósofo partiu da consciencia temporal subjectiva para realçar o enigmático do tempo humano, vivido numa temporalidade objectiva indecifrável que aponta para algo que transcende o Homem.

Hoje, noventa anos após a investigação de Husserl estamos diante um fenómeno novo que pretende ultrapassar este enigma temporal através da experiência do Cyberspace. Criando um novo espaço, se bem que artificial e fictício, a pessoa procura atingir o seu próprio tempo que o afasta, no entanto, do seu tempo pessoal e do reconhecimento, do que o seu tempo determinado ser integrado numa temporalidade incontrollável. Notamos mais um possível passo para a liberdade ansiada pela humanidade, alienando-se novamente, por vias artificialmente criadas, do seu meio para escapar da tal caminhada descrita e proposta por José Saramago.

O distanciamento pretendido pela pessoa ou seja a libertação humana de qualquer dependência, transferido para um espaço cibernético, esconde na criação de “novas terras e céus” ou “no mentir verdadeiro”, segundo Pedro Panizo, a procurada independência e libertação total. O Homem pode ansiar pelo “si mesmo” ou pela “autenticidade”, no sentido heideggeriano, mas transferindo-a para este “novo mundo” criado por ele, encontra nova dependência e exílio inesperado, isto é, o afastamento de um possível encontro consigo mesmo.

No entanto, perguntamos, para quê uma chegada a si mesmo que em si fica sem fim ou meta definitiva num decorrer temporal contínuo, longe da descoberta do “aion” platónico?

Contentamo-nos com uma meta unicamente provisória que aponta para um fim com um certo sentido, alcançada resposta na “autenticidade” encontrada? A autenticidade pessoal para quê? Já a Gnose iniciou esta via, prometendo no encontro consigo mesmo satisfação e paz, o que deveria levar à felicidade de cada um, não proporcionando, contudo, uma ligação entre o eu e tu, ponto de partida para o nós, fundamento de uma vivência autenticamente humana.

Todavia, que esta questão pertinente permanece viva - permitindo que permaneça uma interrogação para o ser humano, é a tarefa do poeta e do filósofo, será do ambito da teologia procurar e dar a resposta fidedigna à questão levantada, considerando o tempo actual como “época”, no sentido original em grego clássico, e conceito aplicado na fenomenologia elaborada por E. Husserl, que leva a uma paragem para poder observar os acontecimentos que podem ser sinais para uma via nova, que apesar de tudo, pode ser procurada e, com a abertura humana necessariamente humilde, possa talvez ser encontrada.

HEIDE-MARIE SEYBERT

Bibliografia

ARENDT, H. - *Vita Activa*. München, 1994.

GADAMER, H. G. - *Die Grenze der Reflexionsphilosophie*. In *Gesammelte Werke*, vol. 1. Tübingen, 1990, p. 346.

HEIDEGGER, M. - *Sein und Zeit*. Tübingen, 1986, p. 126.

ID. - *Vorträge und Aufsätze*. Pfullingen, 1985, p. 23.

ID. - *Phänomenologie und Theologie*. In *Wegmarken*. Frankfurt, 1976, p. 45.

HUSSERL, E. - *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins*. Haag, 1966.

MÜHLENBERG, E. - *Die Unendlichkeit Gottes*. Göttingen, 1966, p. 100-105 e 29-58.

KITTEL, G. - “Chronos” e “Aion”. In *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Stuttgart, 1935.

REALE, G. - *Zu einer neuen Interpretation Platons*. Paderborn, 1993.

RODRÍGUEZ-PANIZO, P. - Literatura y cine como temas de la teología. *Miscelánea Comillas* 56 (1998) p. 387-410.

SARAMAGO, J. - *Deste Mundo e do Outro*. Lisboa, 1998.

ID. - *Ensaio acerca da Cegueira*. Lisboa, 1998.

THEUNISSEN, M. - *Negative Theologie der Zeit*. Frankfurt, 1997.